

No espaço, mas de olho na Terra

Ao assumir a direção do Inpe, Gilberto Câmara promete um programa espacial com aplicações práticas

ENTREVISTA - GILBERTO CÂMARA - DIRETOR DO INPE

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o engenheiro Gilberto Câmara. 'Temos de fazer um grande esforço para mostrar para a sociedade que os benefícios do programa espacial podem ser ainda maiores do que só os que já temos hoje', afirma Câmara, em entrevista exclusiva ao Estado.

Entre as prioridades estão o fortalecimento dos projetos de sensoriamento remoto (que usa satélites) e uma maior parceria com a indústria nacional para o desenvolvimento tecnológico. 'A política industrial do setor espacial deve fomentar a inovação na indústria para gerar competitividade na economia brasileira', diz. 'Precisamos de uma revisão crítica de nossos projetos para identificar como poderemos ser competitivos.' Câmara, cearense e fã de música clássica, é pesquisador do Inpe há 25 anos e deve tomar posse como diretor nesta sexta-feira. Desde 2001, atua como coordenador geral da área de Observação da Terra do instituto. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Por que o senhor considera que 'o grande foco do programa espacial brasileiro deve ser a área de Observação da Terra'?

Essa área inclui os satélites cujos instrumentos de coleta são voltados para o nosso planeta. São satélites de sensoriamento remoto (imageadores), coleta de dados ambientais e medições atmosféricas. Como o Brasil tem um programa espacial voltado para beneficiar a sociedade, nada mais natural do que concentrarmos no que ajuda o gerenciamento de nosso imenso território.

Quais são as prioridades do Inpe para os próximos quatro anos?

Em primeiro lugar, apoiar o trabalho do MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia) e da Agência Espacial Brasileira (AEB) para estabelecermos um programa espacial de acordo com as necessidades do País. Também precisamos convencer o governo de que temos de renovar a equipe do Inpe. Nossos recursos humanos são muito qualificados, mas estão envelhecendo. A média de idade é 46 anos. Sem uma renovação de grandes proporções, a qualidade do trabalho estará seriamente comprometida. Temos também que construir, lançar e operar os satélites de sensoriamento remoto CBERS-2B e CBERS-3, feitos em cooperação com a China.

Por que o Brasil, um país pobre e com sérios problemas sociais, deve investir em tecnologia espacial?

O Brasil investe por ano US\$ 100 milhões em tecnologia espacial. Trata-se de um valor modesto, considerando que o programa espacial traz grandes benefícios para o País. A sociedade tem acesso a dados de grande utilidade sobre o nosso

território e a indústria nacional está sendo capacitada em um programa de excelência.

O Brasil pode ser considerado um país de primeiro mundo quanto ao desenvolvimento de tecnologias da área espacial?

Sim. O Brasil tem a liderança mundial na distribuição de imagens de satélite e tem programas de satélites e lançadores para os próximos dez anos. Temos muitos desafios, mas já conseguimos provar que temos vocação e competência na área espacial.

‘Precisamos convencer o governo de que temos de renovar a equipe do Inpe, que envelhece’

Um dos grandes desafios da ciência brasileira atualmente é promover a interação entre academia e indústria. Como o Inpe se encaixa nesse contexto?

Nos últimos anos, o Inpe mantém uma política de grande investimento na indústria brasileira como fornecedora de seus projetos de satélite. Isso promove a inovação, pelo alto nível de qualidade dos componentes de um satélite.

O Inpe pretende usar a Lei de Inovação e os Fundos Setoriais para ampliar ainda mais a capacidade da indústria nacional em responder aos exigentes requisitos de nosso programa espacial.

Os problemas apresentados pelo CBERS-2 afetam o programa brasileiro de satélites?

Projetos espaciais são sempre iniciativas de risco. O CBERS-2 teve problemas em uma de suas duas baterias. No entanto, o principal sensor (um imageador CCD de 20 metros de resolução) continua em operação, transmitindo imagens normalmente. Os problemas foram analisados detalhadamente pelos engenheiros brasileiros e chineses. Em consequência, os próximos satélites CBERS serão modificados para reduzir o risco de este problema voltar a ocorrer.

Qual é a situação orçamentária e de recursos humanos do Inpe?

O orçamento para 2006 é de R\$ 140 milhões. Parece muito, mas o Inpe tem sete satélites em desenvolvimento. Temos atividades operacionais em previsão de tempo e clima, recepção de imagens e controle e rastreamento de satélites. O Inpe tem grupos de excelência de pesquisa e desenvolvimento em dez áreas do conhecimento. Precisamos ainda manter e atualizar nossos laboratórios de integração e testes. Assim, nosso orçamento é bastante apertado.

A saída do ex-diretor, Luiz Carlos Miranda, em maio, foi cercada de especulações sobre a relação do Inpe com a AEB e o MCT, no que diz respeito ao repasse de recursos. Existe realmente algum conflito?

Não há conflito entre o Inpe e a AEB. Existe uma divisão clara de responsabilidades. A AEB formula e coordena o programa espacial, o Inpe executa os projetos de satélites e tem forte atuação em pesquisa e desenvolvimento. Temos uma ótima relação com a AEB. Como diz seu presidente, Sergio Gaudenzi, 'o programa espacial é uma missão de longo prazo do Estado brasileiro'. Estou de pleno acordo. Todos temos a consciência de estar construindo algo que será importante para nossos netos. ?